

Oposicionistas rejeitam as ameaças

**AGÊNCIA ESTADO
E SERVIÇO LOCAL**

Os políticos da oposição reagiram ontem com protestos e preocupação à notícia publicada pelo **Estado** de que os ministros militares pressionam o governo a empenhar-se mais na campanha do candidato Paulo Maluf. O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, disse em **Brasília** não acreditar que as Forças Armadas possam dar respaldo à proposta de bloqueio aos órgãos de comunicação, para forçá-los a não criticar o candidato pedessista.

“O País vive em regime de liberdade de imprensa e assim deve continuar. Qualquer ação governamental em sentido contrário atingiria diretamente a sociedade brasileira. Seria um golpe na opinião pública qualquer pressão contra a imprensa”, acrescentou Ulysses. Segundo ele, as críticas de que seu partido é subversivo, abriga comunistas e é instrumento de ódio existem desde a criação do antigo MDB e mantêm-se até agora. “Apesar disso, o PMDB, a cada eleição — ressaltou — vê crescer o apoio e a confiança da sociedade. Em consequência, esses ataques infundados não atingem apenas o partido, mas a maioria do povo brasileiro.”

Comentando a notícia do **Estado** logo no início da sessão da Câmara, o deputado Hélio Duque (PMDB-PR) afirmou que “não é concebível que os ministros militares assumam a condição de cabos eleitorais de Paulo Maluf”. A seu ver, “a Nação recebe

chocada essa notícia e exige dos ministros militares, ainda hoje (ontem), esclarecimentos a esse respeito”. O senador Fábio Lucena (AM) e o deputado João Cunha (SP), do PMDB, também exigiram esclarecimentos do governo sobre a nova estratégia proposta pelos ministros militares.

O líder do PDT na Câmara, deputado Brandão Monteiro, observou que o Congresso Nacional precisa “estar vigilante” diante das pressões contidas no documento. Ressaltou, entretanto, que, para ele, não se trata de uma posição “dos militares nem da cúpula militar, e sim de alguns chefes militares”, cujo comportamento ele classificou de “antiprofissional”, porque “colide com os mandamentos constitucionais”.

O mesmo argumento foi manifestado em **Porto Alegre** pelo senador Pedro Simon (PMDB-RS), para quem custa a crer que o documento encaminhado pelos ministros em favor da candidatura de Maluf traduza o pensamento deles “e muito menos o sentimento das Forças Armadas”. A seu ver, “não parece ser esta a missão dos ministros militares”. Mesmo assim, ele assegurou que as oposições permanecem tranquilas e certas de que Tancredo Neves será o vitorioso no colégio eleitoral, “independentemente das medidas que o governo venha a adotar”.

Já o deputado gaúcho Aldo Pinto (PDT) disse não entender o motivo “desse destempero todo”, porque a oposição, se chegar ao poder, não manifestará “qualquer sentimento de vingança”. O presidente da Liga

de Defesa Nacional/RS, general Ruy de Paula Couto, preferiu não acreditar na existência do documento.

Em **São Paulo**, o governador Franco Montoro mostrou-se cauteloso ao comentar a sugestão de pressão à imprensa para divulgar mais a campanha malufista. Ele disse apenas: “Todo cidadão é livre de tomar a sua posição na escolha de seu candidato e esta deve ser respeitada”. Os jornalistas insistiram em que era uma decisão dos ministros militares. “Prefiro colocar o problema como de respeito à opinião de cada cidadão. Mas o que ultrapassar isso fere o princípio constitucional democrático do voto”, respondeu. “As Forças Armadas, então, estariam ferindo a Constituição?” — perguntou um repórter. “Conforme os próprios chefes e representantes das Forças Armadas têm afirmando — encerrou Montoro — elas estão a serviço da Constituição e não a serviço de candidaturas.”

Já o vice-presidente do diretório do PMDB paulista, deputado Waldemar Chubbacci, afirmou não acreditar que os ministros militares insistam em defender a campanha malufista. Na opinião dele, “é um pouco tarde para se liberar fantasmas”, acrescentando que, “embora delicado, o momento político que atravessamos não sugere um retrocesso de tal natureza”. Os petistas não quiseram comentar: “Isso é briga deles lá. Nós estamos fora dessa jogada, porque achamos o colégio eleitoral espúrio e não vamos participar dessa farsa”, declarou um dirigente do partido.